

3 Razões pelas quais o poder não importa na Trindade

Por Nelson Fernandez Jr.

Escrever sobre a Trindade não é um assunto fácil. Na verdade, é um dos assuntos mais controversos para se escrever. Desde o primeiro século DC, a maioria dos cismas, heresias e argumentos dentro da igreja cristã têm algo a ver com a Trindade.

Tem sido o caso especialmente no que diz respeito à cristologia (o campo de estudo que trata da natureza e da pessoa de Jesus em relação aos outros membros da Trindade: Deus Pai e Deus Espírito Santo).

Vou tentar resolver um debate de 2.000 anos de antigüidade sobre a igreja cristã em menos de 2.000 palavras. O que farei é compartilhar com vocês três razões pelas quais acredito que o poder não importa na Trindade (mas que importa para nós hoje).

1. Deus é amor

Sim, eu sei que parece muito clichê, mas um dos versículos das Escrituras que melhor revela a natureza fundamental de Deus é encontrado em 1 João 4: 8

“Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor”

Com certeza, você já ouviu que “Deus é amor” muitas vezes, mas, o que isso realmente significa? Um lugar para começar é aqui: como expressamos e experimentamos o amor como pessoas?

Tim Keller, em seu fantástico livro *Oração: Experimentando admiração e intimidade com Deus*, pega o conceito de amor e extrai uma ideia importante:

Se Deus fosse impessoal, como ensinam as religiões orientais, então o amor - algo que só pode acontecer entre duas ou mais pessoas - não seria nada mais do que

uma ilusão. Podemos ainda ir mais longe e dizer que **se Deus fosse apenas uma pessoa, o amor não teria existido até que Deus começou a criar os seres humanos**. Isso significaria que Deus era fundamentalmente poder, mais que amor. E o amor não seria tão importante quanto o poder. (p. 50)

Se antes da Criação Deus era um único ser, sozinho no universo, sem ninguém para amar (mas definido como amor), quem ele poderia amar senão a si mesmo? Logicamente, ele teria que criar outros seres para experimentar o tipo de amor como o entendemos atualmente (novamente, definido como algo que só acontece entre duas ou mais pessoas).

Se Deus fosse unipessoal e ainda fosse amor, não seria nada mais do que um amor narcisista.

O “amor”, neste caso, seria um meio para um fim, para que os outros o amassem como ele se ama a si mesmo.

No entanto, a doutrina cristã da Trindade ensina que há um Deus em três pessoas que se conhecem e se amam desde antes do amanhecer dos tempos. Isso significaria que Deus sempre teve dentro de si um relacionamento perfeito, igual e satisfatório. Como Keller diz:

Deus é, portanto, infinita e profundamente feliz, cheio de alegria perfeita, não algum tipo de tranquilidade abstrata, mas pela alegria ativa de relacionamentos dinâmicos de amor. (p. 67)

Isso me leva à segunda ideia:

2. Devido a que Deus é amor, Ele se concentra principalmente nos outros.

Keller, desta vez citando Jonathan Edwards, um famoso pastor e teólogo, compartilhou esta filosofia:

Edwards argumentou em sua *Dissertação sobre o Fim para a qual Deus criou o mundo*, que a única razão pela qual Deus teria para nos criar não seria para alcançar uma relação cósmica de amor e alegria (porque ele já a tinha), mas para compartilhá-la. Edwards mostrou quão completamente consistente é para um Deus

triúno - que é “orientado para os outros” - em sua própria essência, que busca glória apenas dando aos outros – para comunicar a felicidade e o delicia de sua própria perfeição e beleza divinas aos outros. (p. 68)

Neste mundo, o amor é o principal agente motor. Todos os membros da Deidade trabalham juntos com o objetivo em mente de compartilhar seu amor.

Algumas pessoas argumentam que a Trindade tem uma hierarquia intrínseca dentro de si mesma, com o Filho eternamente subordinado ao Pai e o Espírito Santo eternamente subordinado a ambos.

No entanto, mesmo a discussão sobre quem está “encarregado do resto” dentro da Trindade cria dois problemas:

1. **Enfraquece o próprio princípio do amor sacrificial.** Nunca vi um relacionamento saudável entre amigos ou namorados em que você tenha que reafirmar sua autoridade para fazer um acordo acontecer. Em contraste, o Novo Testamento determina que maridos e esposas devem se submeter um ao outro (Efésios 5:21). É importante não confundir papel com posição. A ideia de que os membros da Trindade são iguais não elimina as funções ou papéis de cada membro (ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm papéis e personalidades diferentes); No entanto, isto significa que eles não têm uma hierarquia, pois eles trabalham como iguais.
2. **A prática vem com a crença.** Considere o fato de que a igreja primitiva começou a decidir quem tinha mais poder dentro da trindade, ao mesmo tempo que começou a perguntar quem tinha mais poder dentro da igreja ... o que acabou levando ao estabelecimento do papado.

Novamente, a natureza inerentemente altruísta de um relacionamento saudável parece fora de lugar em uma discussão sobre qual membros da Deidade está “eternamente subordinado” a outros.

As discussões sobre a hierarquia na Trindade funcionam a partir de um paradigma de poder, em vez de um de amor.

Porque o amor abnegado é a base da lei e do caráter de Deus, é que o livre arbítrio (e potencialmente o mal) pode existir. Se Deus é nosso Criador e nos ama, o livre

arbítrio deve necessariamente ser dado à criação para permitir a liberdade de retornar ou rejeitar esse amor. Você não pode forçar alguém a amá-lo.

Sério, essa ideia de amor deve transformar nossa maneira de amar o mundo, nosso evangelismo, discipulado e missão.

Os cristãos, chamados a refletir o caráter de Deus neste mundo, não são chamados a servir aos outros com alguma motivação oculta ou a receber algo em troca (dinheiro, conversão, batismo, etc.). Somos chamados a amar os outros por causa do próprio amor. Ponto.

3. Quando minimizamos ou exageramos a autoridade intrínseca de Deus, surgem ideias distorcidas de Deus

Existem dois erros que as pessoas podem cometer ao examinar o equilíbrio entre o amor e o poder de Deus. Não há dúvida de que Deus falou repetidamente sobre o poder que Deus possui inerentemente. Na verdade, quase toda a segunda metade do livro de Jó mostra Deus lembrando a todos que ele tem um poder inimaginável.

Porém, quando superestimamos o poder sobre o amor, ou vice-versa, abrimos a porta para ver Deus como um ditador totalitário e legalista, ou nada mais do que uma figura paterna senil e bem-disposta para com todos.

Embora pareça que às vezes a Bíblia mostra uma imagem de Deus como uma divindade forte ou como um pai amoroso em outras ocasiões, quando as pessoas ficam com apenas uma imagem, elas começam a arruinar a verdadeira imagem do caráter de Deus. Considere o que Keller diz sobre isso e como se relaciona com a oração:

Se permitirmos, nossos corações tenderão a criar um deus que não existe. As pessoas de culturas ocidentais desejam um Deus que seja amoroso e perdoador, mas não santo e transcendente. Estudos sobre a vida espiritual de adultos em países ocidentais revelam que suas orações geralmente são desprovidas de arrependimento e da alegria de serem perdoados. Sem oração que apelem ao Deus da Bíblia, podemos estar falando não com o Deus verdadeiro, mas com o que queremos que Deus seja para nós. (p. 62)

Deixando isso de lado, no final do dia, informações sobre como é Deus não são suficientes. Assim como é verdade que nossos pais biológicos nem sempre estarão em nossas vidas, saber que Deus é amor e que nos ama não significa nada, a menos que seja relevante para o relacionamento que temos com Ele.

Na Trindade, não é o poder que mais importa, mas o amor. E Deus quer que experimentemos esse amor hoje.

Fonte: <http://www.thehaystack.org/#!3-Reasons-Why-Power-Doesnt-Matter-in-the-Trinity/jl02s/579fe5470cf214576cee0be0>